

Algumas considerações sobre a circulação de crianças no Brasil e sua distribuição por regiões

Márcia Milena Pivatto Serra*

O principal objetivo do artigo é estimar, com base nas PNADs de 1996 a 1999, a proporção e o volume de crianças em circulação. Utiliza-se também a PNAD de 1985, por incluir variáveis como a idade com que a criança começou a circular e o motivo pelo qual deixou de morar com sua mãe, ausentes em outras PNADs. Apesar do caráter principalmente descritivo e exploratório do trabalho, os resultados obtidos permitem conhecer alguns aspectos sobre a circulação de crianças pouco conhecidos pela Demografia brasileira.

Palavras-chave: Crianças. Circulação.

Introdução

A circulação de crianças é um fenômeno demográfico bastante estudado em alguns países, como os da África subsahariana (Isiugo-Abanihe, 1984, 1985 e 1994; Vandermeersch, 1998), mas praticamente desconhecido da Demografia brasileira. Encontramos no Brasil um esforço de alguns poucos pesquisadores, como Fonseca (1995), em apreender o fenômeno sob a ótica das ciências sociais.

A circulação de crianças pode ser também descrita como um fenômeno migratório, já que implica um movimento de um lar para outro. Podemos dizer que, ao circular, as crianças “migram” de uma família para outra.

O objetivo principal deste artigo é analisar a circulação de crianças sob a ótica dos fenômenos demográficos, estimando volumes e proporções de crianças em circulação para o Brasil e suas regiões no período de 1996 a 1999, desagregados por sexo,

idade e raça/etnia. O paradeiro da criança, as motivações e a idade com que ela deixou de residir com a mãe também são objetos de preocupação do presente trabalho.

Segundo Fonseca (1995, p. 116), para designar toda transação pela qual a responsabilidade de uma criança é transferida de um adulto para outro os etnólogos tendem atualmente a utilizar a expressão circulação de crianças. O fenômeno inclui diversas situações, abarcando as crianças em situação de rua, as institucionalizadas¹, os chamados “filhos de criação”, as crianças formalmente adotadas e até mesmo os chamados arranjos de *child care*². Levando em conta que no Brasil algumas crianças nem sempre passam toda a sua infância junto aos seus genitores, vivendo por algum tempo (se não todo o tempo) junto a outras pessoas e/ou instituições, neste artigo serão consideradas em circulação as crianças que não moram com suas mães.

* Pesquisadora do Núcleo de Estudos de População (NEPO) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), através do PRODOC/CAPES.

¹ Que vivem em instituições públicas (como a Febem) ou privadas.

² Marteleto (1998, p. 2.633) afirma que o termo *child care* significa cuidado das crianças e que, na literatura econômica, sociológica e demográfica, arranjos de *child care* abarcam instituições ou pessoas cuja função em algum momento é o cuidado da criança, tais como pré-escolas, creches, babás, empregadas domésticas, ou mesmo avós, irmãos ou outros.

Os dados

Embora não existam, no Brasil, levantamentos domiciliares construídos com o objetivo de apurar dados sobre o fenômeno da circulação de crianças, algumas PNADs contêm elementos que permitem obter informações, ainda que parciais ou incompletas, sobre o fenômeno. As PNADs analisadas neste trabalho são as de 1985, 1996, 1997, 1998 e 1999.

As crianças consideradas neste estudo pertencem à faixa etária de 0 a 14 anos. Se fosse considerado o grupo de 0 a 17 anos, seria acrescida àquele universo uma porção bastante significativa de crianças não celibatárias (Serra, 2003), as quais não poderiam ser consideradas em circulação.

As bases de dados consideradas fornecem informações relativas ao momento em que o levantamento foi realizado, oferecendo apenas uma “fotografia” do fenômeno em um determinado momento do tempo. Isso implica desprezar, por falta de informação, crianças que, embora não estejam naquele momento em situação de circulação,

já passaram pela experiência de viver com outras pessoas que não suas mães.

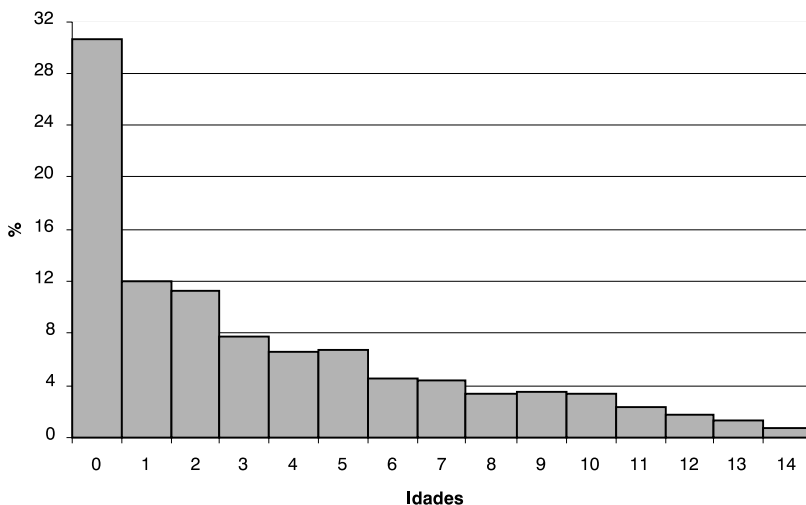
PNAD 1985

A PNAD de 1985 é também chamada de “PNAD do Menor”. As informações utilizadas nesta seção foram obtidas no Questionário Suplementar e correspondem às respostas dadas pelas mães das crianças. As principais dificuldades desse banco de dados residem no fato de trabalhar apenas com as regiões metropolitanas brasileiras, e exclusivamente com as crianças que não estão morando com suas mães. Tais dados podem estar sujeitos aos chamados “erros de memória”, uma vez que algumas mães podem não informar alguns filhos, principalmente os que com elas não residem já há muito tempo.

Idade em que a criança deixou de morar com sua mãe

A idade em que a criança deixa de morar com sua mãe é um dos aspectos de

FIGURA 1
Distribuição das idades das crianças ao sair de casa, segundo declaração da mãe – Regiões Metropolitanas, Brasil, 1985 (dados ponderados)



Fonte: IBGE, PNAD 1985, Suplemento sobre a Situação do Menor.

maior interesse na caracterização da circulação infantil. Podemos observar, nas regiões metropolitanas brasileiras, que a maioria das crianças começou a circular com menos de 1 ano de idade (Figura 1). Apesar de tal recorte temporal e espacial, não temos motivos para suspeitar que encontraríamos comportamentos diferenciados em outras regiões do país. Ao avaliarmos a idade da criança no momento da entrevista, no entanto, observamos que existe maior porcentagem de crianças mais velhas circulando (Figura 2). Notamos também que os comportamentos das distribuições são opostos. A distribuição das idades com que a criança começou a circular pela primeira vez tem um comportamento decrescente; já a distribuição das idades "atuais" da criança que circula é crescente.

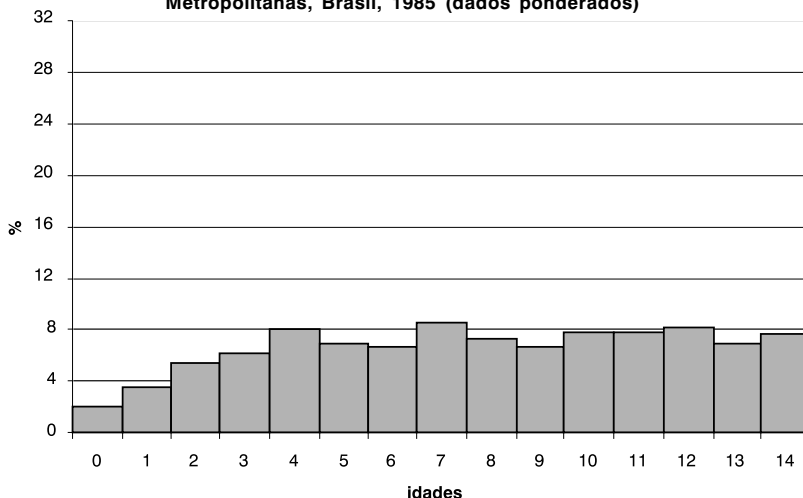
Tal constatação pode estar indicando, além do fator acumulativo (de crianças de coortes anteriores), que, apesar de terem deixado de morar com suas mães ainda muito jovens, as crianças tendem a continuar

circulando. É bom lembrar, no entanto, que o fato de a criança ter começado a circular ainda muito jovem e estar em circulação no momento da entrevista não significa que, em algum momento, ela não tenha voltado a morar com sua mãe, ou que não possa vir a fazê-lo no futuro.

Com quem a criança reside no momento da entrevista

Observamos na Tabela 1³ que são outros parentes que acolhem a maioria das crianças quando estas deixam a companhia de suas mães. Essa característica é comum a ambos os sexos, mas as meninas tendem a morar mais com não-parentes do que os meninos; os meninos, a ficar mais com os outros familiares que as meninas; e os meninos, mais com o pai que as meninas⁴. Com relação à idade "atual" das crianças, observamos que os mais velhos tendem a ficar mais com o pai que os mais novos, e os mais novos, a ficar mais com não-parentes e parentes do que os mais velhos⁵.

FIGURA 2
Distribuição das idades "atuais" das crianças que circulam, segundo declaração da mãe – Regiões Metropolitanas, Brasil, 1985 (dados ponderados)



Fonte: IBGE, PNAD 1985, Suplemento sobre a Situação do Menor.

³ Embora o trabalho tenha um caráter descritivo, foram feitos alguns testes entre proporções, que permitiram salientar as diferenças obtidas entre elas, muito embora outras estatísticas pudessem ser utilizadas para tal fim.

⁴ Testes de comparação entre proporções (unicaudal), significativos a 5% para pai e a 10% para outros parentes.

⁵ Testes significativos para a PNAD 1985, a 5% para o pai e a 10% para outros parentes e não-parentes. Para a PSFNe-91, todos os resultados foram não significativos.

TABELA 1

Porcentagem de filhos de 0-14 anos que não residem em companhia da mãe, por grau de parentesco com a pessoa ou pessoas com quem residem atualmente – Regiões Metropolitanas, Brasil, 1985, por faixa etária e sexo, segundo informações da mãe (dados ponderados)

Com quem residem	n	TOTAL			Masculino			Feminino		
		Total	0-6	7-14	Total	0-6	7-14	Total	0-6	7-14
Com o pai	662	24,5	19,7	27,7	27,7	20,5	32,5	21,2	18,8	22,6
Outros parentes	1.711	62,0	64,2	60,6	60,5	65,1	57,4	63,7	63,2	64,0
Não-parentes	329	10,9	13,6	9,1	9,3	12,1	7,5	12,5	15,3	10,8
Cônjuge	8	0,3	0,2	0,3	0,1	0,3	0,0	0,4	0,0	0,6
Instituição	18	0,7	0,9	0,6	0,7	0,6	0,8	0,7	1,4	0,3
Outros*	51	1,6	1,4	1,7	1,7	1,4	1,8	1,6	1,3	1,7
Total		100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
N		2.779	1.107	1.672	1.443	584	859	1.336	523	813

Fonte: IBGE, PNAD 1985, Suplemento sobre a Situação do Menor.

*Incluídos "não respondeu" e "não sabe".

Quando comparamos as proporções obtidas pelo cruzamento de sexo e idade, podemos constatar que, dentre os meninos, os pais tendem a acolher os mais velhos, e outros parentes, os mais novos⁶. Já na comparação entre as crianças mais velhas (7 a 14 anos), observamos que os meninos tendem a ficar mais com o pai ou com outros parentes, e as meninas tendem a ficar mais com outros parentes do que os meninos. Tais resultados podem ser um indicativo da dificuldade do pai em criar meninas e/ou crianças mais novas sem a ajuda de uma mulher.

Vale destacar que as meninas tendem a ficar com outras pessoas mais que os meninos⁷. Esta última constatação parece ser bastante coerente com a prática corrente no Brasil de se tomar crianças para "criar", atribuindo-lhes todo tipo de trabalho doméstico. As "crias da casa", como tais meninas são referidas por Rizzini (1999), costumam trabalhar em casas de melhor situação financeira que a de suas famílias, em troca de abrigo ou de pagamento ínfimo⁸. Assim, tal proporção pode estar indicando um tipo de trabalho doméstico infantil feminino, não

remunerado, no qual a menina não teria nem o *status* de filha, nem o de empregada doméstica, pois não seria remunerada como tal.

Motivo pelo qual a criança deixou de residir com sua mãe

No que diz respeito ao motivo pelo qual a criança deixou de residir com a mãe (Tabela 2), observamos que são alegadas principalmente razões financeiras e relativas à separação dos pais. Quando desagregamos os dados por sexo e grupos etários, notamos que a proporção de crianças cuja circulação foi motivada por razões financeiras é superior no grupo das mais jovens à época da entrevista. Já quando o motivo é a separação dos pais, tal relação se inverte⁹. Além disso, os dados revelam que a proporção de meninos cuja circulação foi motivada por razões financeiras é superior à de meninas¹⁰.

Quando observamos somente o grupo de meninos, verificamos que os mais jovens à época da entrevista estão em maior proporção entre aqueles cujo motivo de

⁶ Testes significativos para a PNAD 1985, a 1% para o pai e outros parentes.

⁷ 7,5% dos meninos, para 10,8% das meninas de 7 a 14 anos. Testes de comparação entre proporções (unicaudal), significativos a 1%.

⁸ Cervini e Burger (1996) discutem a importância do trabalho doméstico no contexto do trabalho infantil.

⁹ Testes significativos a 1%.

¹⁰ Teste significativo a 10%.

TABELA 2
Porcentagem de filhos de 0-14 anos que não residem em companhia da mãe, por motivo pelo qual deixaram de residir – Regiões Metropolitanas, Brasil, 1985, por faixa etária “atual” e sexo, segundo informações da mãe (dados ponderados)

Motivo pelo qual deixaram de residir com a mãe	n	TOTAL			Masculino			Feminino		
		Total	0-6	7-14	Total	0-6	7-14	Total	0-6	7-14
Financeiro	1.170	41,1	50,8	34,9	39,5	50,1	32,6	42,8	51,6	37,4
Decisão judicial	40	1,5	1,3	1,7	2,0	1,7	2,2	1,0	0,9	1,1
Separação	874	31,8	24,7	36,3	33,9	25,6	39,4	29,5	23,6	33,1
Estudo/Trab./Casamento	222	7,1	6,3	7,7	6,1	5,9	6,3	8,2	6,8	9,1
Fugiu de casa	5	0,2	0,1	0,4	0,4	0,0	0,6	0,1	0,1	0,1
Outros	468	18,2	16,9	19,1	18,1	16,7	19,0	18,4	17,0	19,2
Total		100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
N		2.779	1.107	1.672	1.443	584	859	1.336	523	813

Fonte: IBGE, PNAD 1985, Suplemento sobre a Situação do Menor.

separação da mãe foi financeiro. Quando o motivo alegado é a separação dos pais, a relação é inversa¹¹, ou seja, a maior proporção é a de mais velhos à época da entrevista. Para as meninas, a relação encontrada é exatamente a mesma citada anteriormente¹².

Dentro do mesmo grupo etário, nota-se que, no grupo das crianças mais velhas à época da entrevista, a separação dos pais é apontada como motivo da cir-

culação em maior proporção para os meninos¹³.

Acredito, no entanto, que o motivo pelo qual a criança deixa de residir com a mãe está mais relacionado à idade que a criança tinha ao sair de casa do que à idade no momento da entrevista. A Tabela 3, bastante similar à anterior, oferece algumas informações interessantes a esse respeito. Observa-se que, para as crianças que deixaram a companhia das mães com

TABELA 3
Porcentagem de filhos de 0-14 anos que não residem em companhia da mãe, por motivo pelo qual deixaram de residir – Regiões Metropolitanas, Brasil, 1985, por faixa etária em que o filho deixou de morar com a mãe e sexo, segundo informações da mãe (dados ponderados)

Motivo pelo qual deixou de residir com a mãe	n	TOTAL				Masculino				Feminino			
		Total	0	0-6	7-14	Total	0	0-6	7-14	Total	0	0-6	7-14
Financeiro	1.170	41,1	60,9	35,4	25,4	39,5	60,0	35,3	20,4	42,8	61,8	35,6	30,6
Decisão judicial	40	1,5	0,8	2,3	0,8	2,0	1,4	2,9	0,9	1,0	0,2	1,7	0,7
Separação	874	31,8	16,5	36,7	42,5	33,9	18,3	37,4	47,9	29,4	14,8	36,0	36,9
Estudo/Trab./Casam.	222	7,1	4,2	6,6	12,8	6,1	3,3	5,5	11,8	8,2	5,0	7,8	13,9
Fugiu de casa	5	0,2	0,0	0,2	0,6	0,4	0,0	0,4	0,9	0,1	0,0	0,1	0,3
Outros	468	18,2	17,6	18,7	17,9	18,1	17,1	18,6	18,2	18,4	18,2	18,9	17,6
Total		100,0	100	100	100	100,0	100	100	100	100,0	100	100	100
N		2.779	913	1321	545	1.443	460	706	277	1.336	453	615	268

Fonte: IBGE, PNAD 1985, Suplemento sobre a Situação do Menor.

¹¹ Testes significativos a 1%.

¹² Testes significativos a 1% e 5%.

¹³ Teste significativo a 5%.

menos de 1 ano, os principais motivos alegados são os de ordem financeira¹⁴. A separação dos pais é o principal motivo para os grupos de crianças de 1 a 6 anos e de 7 a 14 anos¹⁵. O mesmo padrão se repete ao controlarmos o sexo das crianças.

Ou seja, os dados sugerem que, quando a família enfrenta dificuldades econômicas, desde muito cedo recorre ao expediente de colocar seus filhos em circulação. Esse recurso também poderá ser mobilizado mais tarde, com a separação dos pais, afetando crianças mais velhas.

As PNADs de 1996 a 1999

A partir das informações individuais de cada morador do domicílio registradas no Questionário Principal das PNADs de 1996, 1997, 1998 e 1999 é possível saber quais crianças moram e quais não moram com suas mães, o que permite estimar a proporção e o volume de crianças que não moram com suas mães por região, e também em relação ao sexo, idade e raça/etnia das crianças (Tabelas 4 e 5).

TABELA 4
Número e porcentagem de crianças de 0-14 anos que não residem em companhia da mãe (filhos de mães vivas de qualquer faixa etária), segundo sexo e idade, por regiões – 1996 a 1999 (dados expandidos)

Ano	Regiões	SEXO				IDADE				BRASIL	
		Masculino		Feminino		0 a 6 anos		7 a 14 anos			
		N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
96	Norte*	127.522	9,2	141.199	10,6	90.594	7,4	178.127	11,8	268.721	9,9
	Nordeste	689.714	8,6	724.310	9,1	464.032	6,6	949.992	10,6	1.414.024	8,8
	Sudeste	439.131	4,7	429.156	4,6	249.117	3,1	619.170	5,8	868.287	4,7
	Sul	174.863	5,1	158.814	4,6	116.642	3,8	217.035	5,7	333.677	4,9
	C.-Oeste	112.755	6,6	104.652	6,4	67.914	4,6	149.493	8,1	217.407	6,5
	BRASIL	1.543.985	6,5	1.558.131	6,6	988.299	4,8	2.113.817	7,9	3.102.116	6,5
97	Norte*	138.387	10,0	145.808	10,7	98.615	7,7	185.580	12,5	284.195	10,3
	Nordeste	744.929	9,4	743.805	9,6	503.563	7,3	985.171	11,2	1.488.734	9,5
	Sudeste	483.058	5,1	465.091	5,1	281.436	3,4	666.713	6,4	948.149	5,1
	Sul	170.694	4,8	174.353	5,0	111.398	3,4	233.649	6,2	345.047	4,9
	C.-Oeste	113.107	6,6	112.271	6,8	76.334	5,1	149.044	7,9	225.378	6,7
	BRASIL	1.650.175	6,9	1.641.328	7,0	1.071.346	5,1	2.220.157	8,4	3.291.503	6,9
98	Norte*	160.583	11,4	157.769	11,4	108.367	8,6	209.985	13,7	318.352	11,4
	Nordeste	722.863	9,2	748.818	9,7	512.737	7,3	958.944	11,3	1.471.681	9,5
	Sudeste	463.802	4,9	442.150	5,0	282.351	3,5	623.601	6,0	905.952	4,9
	Sul	170.640	4,9	152.768	4,6	109.384	3,5	214.024	5,8	323.408	4,7
	C.-Oeste	126.930	7,6	135.066	8,2	87.851	5,9	174.145	9,6	261.996	7,9
	BRASIL	1.644.818	6,9	1.636.571	7,1	1.100.690	5,2	2.180.699	8,4	3.281.389	7,0
99	Norte*	146.858	10,3	151.021	10,9	105.233	8,1	192.646	12,8	297.879	10,6
	Nordeste	779.682	10,0	777.374	10,3	537.546	8,0	1.019.510	11,9	1.557.056	10,2
	Sudeste	436.956	4,7	429.861	4,8	272.740	3,4	594.077	5,8	866.817	4,7
	Sul	174.933	5,0	161.054	4,8	116.112	3,6	219.875	5,9	335.987	4,9
	C.-Oeste	139.492	8,1	106.948	6,6	76.482	4,9	169.958	9,5	246.440	7,4
	BRASIL	1.677.921	7,1	1.626.258	7,1	1.108.113	5,3	2.196.066	8,5	3.304.179	7,1

Fonte: IBGE, PNADs 1996, 1997, 1998 e 1999. Questionário principal.

* Contemplam, principalmente, domicílios da zona urbana.

TABELA 5
Número e porcentagem de crianças de 0-14 anos que não residem em companhia da mãe
(filhos de mães vivas de qualquer faixa etária), segundo raça/etnia,
por regiões – 1996 a 1999 (dados expandidos)

Ano	Regiões	Raça/Etnia						BRASIL	
		Branca		Negra		Outras**		N	%
		N	%	N	%	N	%	N	%
96	Norte*	70.870	9,7	194.386	9,8	3.465	17,7	268.721	9,9
	Nordeste	344.804	7,4	1.062.625	9,5	6.595	9,9	1.414.024	8,8
	Sudeste	453.551	3,9	411.558	6,0	3.178	4,2	868.287	4,7
	Sul	246.288	4,2	84.154	8,5	3.235	13,6	333.677	4,9
	C.-Oeste	93.588	5,9	121.486	7,1	2.333	5,9	217.407	6,5
	BRASIL	1.209.101	4,9	1.874.209	8,2	18.806	8,4	3.102.116	6,5
97	Norte*	65.504	9,0	217.975	10,8	716	10,2	284.195	10,3
	Nordeste	356.849	8,2	1.128.453	10,0	3.432	7,2	1.488.734	9,5
	Sudeste	503.792	4,3	437.156	6,3	7.201	8,2	948.149	5,1
	Sul	264.889	4,6	77.059	6,5	3.099	9,9	345.047	4,9
	C.-Oeste	90.605	5,6	128.786	7,5	5.987	20,2	225.378	6,7
	BRASIL	1.281.639	5,3	1.989.429	8,6	20.435	10,1	3.291.503	6,9
98	Norte*	73.744	9,2	241.746	12,3	2.862	18,8	318.352	11,4
	Nordeste	320.286	7,3	1.146.883	10,3	4.512	11,1	1.471.681	9,5
	Sudeste	474.458	4,2	428.181	6,1	3.313	2,3	905.952	4,9
	Sul	240.170	4,3	81.422	6,4	1.816	5,6	323.408	4,7
	C.-Oeste	98.076	6,5	160.642	9,1	3.278	9,4	261.996	7,9
	BRASIL	1.206.734	5,1	2.058.874	8,9	15.781	5,8	3.281.389	7,0
99	Norte*	73.245	9,5	221.527	11,0	3.107	12,5	297.879	10,6
	Nordeste	361.083	8,3	1.192.401	10,9	3.572	15,4	1.557.056	10,2
	Sudeste	443.734	4,0	420.949	6,1	2.134	2,5	866.817	4,7
	Sul	253.303	4,5	82.478	7,0	206	0,4	335.987	4,9
	C.-Oeste	96.743	6,4	145.634	8,1	4.063	10,6	246.440	7,4
	BRASIL	1.228.108	5,2	2.062.989	9,0	13.082	6,0	3.304.179	7,1

Fonte: IBGE, PNADs 1996, 1997, 1998 e 1999. Questionário principal.

* Contemplam, principalmente, domicílios da zona urbana.

** Índio, amarelo e "não respondeu".

As regiões com maior proporção de crianças em circulação são o Norte e o Nordeste (Figura 3), sendo que a região Norte compreende principalmente a população das zonas urbanas. O maior volume ocorre, entretanto, na região Nordeste, seguida da região Sudeste, embora, em termos percentuais, esta última esteja praticamente em igualdade de condição

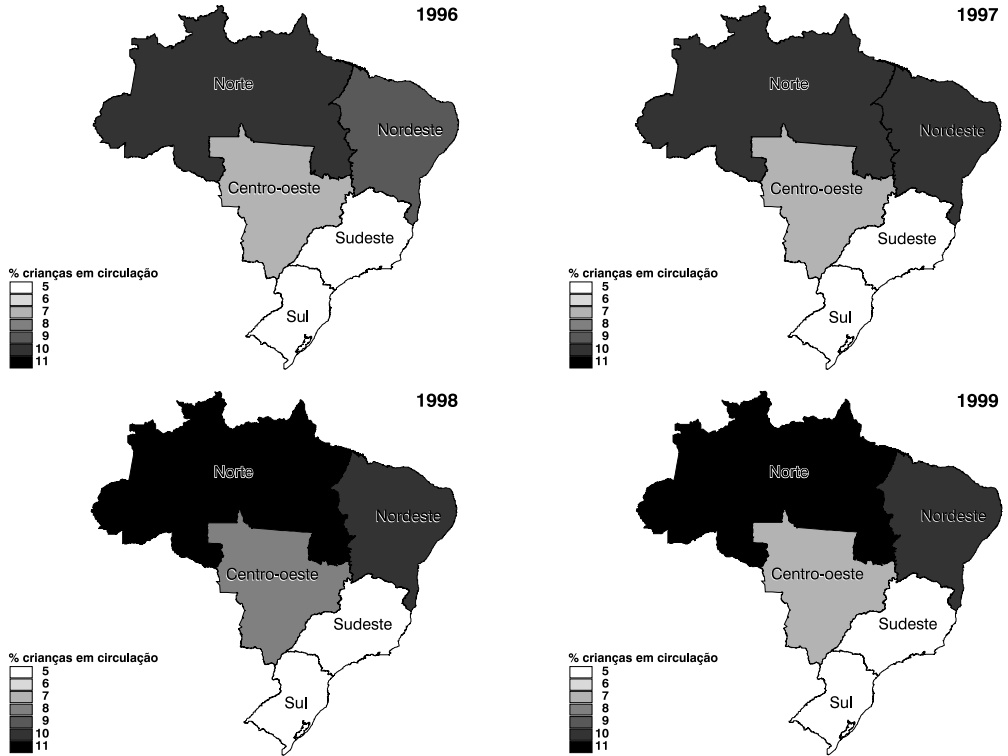
com a região Sul. Os dados revelam também um aumento percentual e do volume da circulação de crianças entre 1996 e 1999. Embora o aumento percentual entre os anos de 1997 e 1999 tenha sido pequeno, a diferença entre 1996 e 1999 foi de 6%. Tais resultados indicam que a circulação de crianças parece estar aumentando em termos percentuais e de volume.

¹⁴ Teste significativo a 1% com relação aos grupos 1-6 e 7-14 anos.

¹⁵ Teste significativo a 1% ao comparar o grupo de 1-6 anos com o de 7-14 anos, o que mostra que a diferença entre as proporções do grupo 7-14 anos é superior àquela encontrada entre as proporções do grupo 1-6 anos.

FIGURA 3

Porcentagem de crianças de 0-14 anos que não residem em companhia da mãe (filhos de mães vivas de qualquer faixa etária), por regiões – 1996-1999



Fonte: IBGE, PNADs 1996, 1997, 1998 e 1999. Questionário principal.

Os dados das PNADs revelam que o volume de crianças em circulação no Brasil nos anos 1990 não é desprezível. Na segunda metade da década, este volume esteve sempre acima de 3 milhões de crianças de ambos os sexos, metade das quais encontra-se na região Nordeste, seguida da região Sudeste. Estes volumes impressionam, fazendo aumentar o interesse em conhecer quem são essas crianças, em que condições vivem e em que medida se encontram em posição de vantagem ou desvantagem em relação às crianças que vivem com suas mães.

Os resultados obtidos indicam que não existe uma tendência clara de meninos circularem mais que meninas ou vice-versa. A circulação parece afetar indiferentemente os dois sexos, as diferenças entre os dois grupos podendo ser atribuídas principalmente a erros amostrais¹⁶. Entretanto, verificamos que crianças mais velhas apresentam maior tendência de morarem longe de suas mães do que crianças mais novas¹⁷. Essa tendência já havia sido observada nos dados da PNAD 1985.

¹⁶ As diferenças entre o grupo de crianças do sexo feminino e o do sexo masculino são significativas, em 1996, para o Norte (10%), Nordeste (5%) e Sul (10%); em 1998, para o Nordeste (10%) e Brasil (10%); em 1999, para o Centro-Oeste (1%).

¹⁷ As diferenças entre proporções de crianças entre 0 e 6 anos em relação ao grupo entre 7 e 14 anos são significativas para todos as regiões e anos.

A relação entre circulação de crianças e raça/etnia no Brasil é uma característica importante, indicativa dos fatores sociais associados à condição das famílias. Observamos que as crianças negras (pretas e pardas) parecem circular mais que as brancas¹⁸. Essa associação sugere que famílias em condições socioeconômicas mais precárias seriam mais suscetíveis de experimentar o afastamento entre a mãe e seus filhos. Não é possível, além disso, descartar a possibilidade de diferenças socioculturais entre famílias negras e brancas no que diz respeito à possibilidade de lançar mão de uma rede de parentesco para a criação de seus filhos. Devemos tomar muito cuidado, no entanto, ao interpretar a categoria “outros”, pois embora os valores expandidos sejam altos, correspondem, na realidade, a valores absolutos muito pequenos. Assim, como os valores percentuais obtidos estão distorcidos por essa baixa frequência, tentar explicar tais percentuais e/ou volumes seria leviano e inconseqüente.

Conclusão

Os dados indicam um aumento na proporção e no volume das crianças em circulação no período estudado, que passam de 3,1 milhões (6,5%) em 1996 para 3,3 milhões (7,1%) em 1999. As regiões Norte e Nordeste são as com maiores proporções de crianças em circulação.

Ao avaliar a idade da criança no momento da entrevista, observa-se que existe uma porcentagem maior de crianças mais velhas. Tal constatação pode indicar, além do fator acumulativo (reflexo de coortes anteriores)¹⁹, que as crianças tendem a continuar circulando. A PNAD de 1985 revela que as crianças tendiam a deixar de viver com suas mães muito precocemente, podendo ou não, ao longo da vida, voltar a morar em sua companhia.

Observa-se que, ao sair pela primeira vez, a criança com menos de 1 ano de idade tem como principal motivo relatado as dificuldades financeiras da família. Em idades superiores, o principal motivo relatado é a separação dos pais. Isso não implica, entretanto, que um motivo não ocorra concomitantemente ao outro, pois a separação dos pais pode vir acompanhada de problemas financeiros para a mãe, que, em geral, é quem fica com os filhos em situações de separação ou divórcio.

As crianças, ao saírem de casa, tendem a ficar mais com parentes, principalmente os avós (Serra, 2003). O pai tende a ficar mais com os filhos mais velhos e do sexo masculino, o que pode estar associado à maior dificuldade de alguns pais em suprir as necessidades específicas das crianças menores.

Um dos aspectos a ser considerado, como lembra Campos (1991), é que uma mesma criança que é encontrada junto à família numa determinada data pode ser encontrada numa instituição, ou ainda vivendo na rua, na casa de parentes ou de não-parentes em um momento posterior. Ou seja, um dos problemas ao se estudar essa criança é que ela pode circular por vários locais (e/ou pessoas) ao longo de sua vida. No Brasil inexistem pesquisas do tipo *panel*, como as americanas, nas quais famílias são entrevistadas em momentos distintos ao longo do tempo, o que permite captar as várias circunstâncias em que as crianças deixaram de viver com suas mães. Estudos retrospectivos poderiam também ser úteis, pois ao levarem em conta o “ciclo de vida” das crianças, permitiriam captar os vários momentos em que a criança “circulou”. A utilização de pesquisas com um único ponto no tempo, como as avaliadas neste trabalho, tem o inconveniente de captar apenas um dos movimentos dessa criança, ou ainda de excluir crianças que já circularam mas que, no momento da entrevista, estão residindo com suas mães.

¹⁸ As diferenças entre proporções de crianças negras e brancas só não são significativas para a região Norte em 1996.

¹⁹ Embora os dados indiquem que a circulação de crianças parece estar aumentando e não diminuindo.

Referências bibliográficas

BLEDSON, C.H., EWBANK, D.C. e ISIUGO-ABANIHE, U.C. The effect of child fostering on feeding practices and access to health services in rural Sierra Leone. **Social Science and Medicine**, v. 23, n. 6, 1988, p. 627-636.

CAMPOS, M.M.M. Infância abandonada: o piedoso disfarce do trabalho precoce. In: MARTINS, José de Souza (coord.), **O massacre dos inocentes: a criança sem infância no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 1991.

CERVINI, R. e BURGER, F. O menino trabalhador no Brasil urbano dos anos 80. In: FAUSTO, A. e CERVINI, R. (orgs.), **O trabalho e a rua – crianças e adolescentes no Brasil urbano dos anos 80**. São Paulo: Cortez, 1996.

CHERLIN, A.J., KIERNAN, K.E. e CHASE-LANSDALE, P.L. Parental divorce in childhood and demographic outcomes in young adulthood. **Demography**, v. 3, n. 32, 1995, p. 299-318.

DELMANTO, C. **Código Penal comentado**. São Paulo: Renovar, 1991.

ELIAS, R. J. **Comentários ao Estatuto da Criança e do Adolescente**. São Paulo: Saraiva, 1994.

FAUSTO, A. e CERVINI, R. (orgs.). **O trabalho e a rua – crianças e adolescentes no Brasil urbano dos anos 80**. São Paulo: Cortez, 1996.

FONSECA, C. **Crime, corps et humeur: famille et quotidien dans les couches populaires brésiliennes**. Tese de doutorado, Université de Nanterre, França, 1993.

_____. **Caminhos da adoção**. São Paulo: Cortez, 1995.

_____. Circulation d'enfants ou adoption – les enjeux internationaux de la filiation adoptive. **Revue Droit et Cultures**, v. 2, n. 38, 1999, p. 137-168.

IBGE. **Situação do menor – regiões metropolitanas**. PNAD 1985, 9 (Supl.). Rio de Janeiro: IBGE, 1988.

IBGE e UNICEF. **Perfil estatístico de crianças e mães no Brasil – sistema de acompanhamento da situação socioeconômica de crianças e adolescentes, 1981-1983-1986**. Rio de Janeiro: IBGE/Unicef, 1988.

GREGORI, M.F. **Viração: experiências de meninos nas ruas**. São Paulo: Companhia da Letras, 2000.

GUILLAUME, A., VIMARD, P., FASSINI, R. e N'GUESSAN, K. La circulation des enfants en Côte-d'Ivoire: solidarité et redistribution de la main d'oeuvre. In: **Colloque International "Crise, ajustements et recompositions en Côte-d'Ivoire: la remise en cause d'un modèle"**, scéance n. 5, 28 nov.-2 déc., p. 11-22. Abidjan: ORSTOM-GIDIS-CI.

ISIUGO-ABANIHE, U.C. Prevalence and determinants of child fosterage in West Africa: relevance to demography. **African Demography Working Papers**, n. 12, 1984.

_____. Child fosterage in West Africa. **Population and Development Review**, v. 11, n. 1, 1985, p. 53-73.

_____. Parenthood in Sub-Saharan Africa: child fostering and its relationship with fertility. In: LOCOH, T. e HERTRICH, V. (eds.), **The onset of fertility in Sub-Saharan Africa**. Liège: Ordina Editions, 1994.

KOSMINSKY, E.V. Internados – os filhos do Estado padrasto. In: MARTINS, J. de S. (coord.), **O massacre dos inocentes: a criança sem infância no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 1991.

MARTELETO, L.J. Quando parentes tomam conta das crianças: arranjos de *child care* em domicílios intactos e chefiados por mulheres. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 11, Caxambu, MG, 1998. **Anais...**, ABEP, 1998, v. 1, p. 2.633-2.661.

MARTINS, J. de S. (coord.). **O massacre dos inocentes: a criança sem infância no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 1991.

MOTTA, M.A.P. **Mães abandonadas: a entrega de um filho em adoção**. São Paulo: Cortez, 2001.

NOBLE, J., COVER, J. e YANAGISHITA, M. **La juventud del mundo**. Washington: Population Reference Bureau, 1996.

OLIVEIRA, J. **Código de menores**. São Paulo: Saraiva, 1989.

PASSETTI, E. **O que é menor**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

RIBEIRO, R. **A PNAD como instrumento de trabalho para o estudo da situação do menor no Brasil** (versão preliminar). Nova Friburgo: Seminário de Avaliação das PNADs da década de 1980, junho 1988. Mimeo.

RIZZINI, I. Pequenos trabalhadores do Brasil. In: DEL PRIORI, Mary (org.), **História das crianças no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1999.

RIZZINI, I. e RIZZINI, I. "Menores" institucionalizados e meninos de rua. In: FAUSTO, A. e CERVINI, R. (orgs.), **O trabalho e a rua** – crianças e adolescentes no Brasil urbano dos anos 80. São Paulo: Cortez, 1996.

SERRA, M.M.P. **O Brasil das muitas mães: aspectos demográficos da circulação de crianças**. Tese de doutorado, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

VANDERMEERSCH, C. **Identité culturelle et comportements procreateurs et en matière de placement des enfants au Senegal**. Communication au Colloque de l'AIDELF. Rochelle, Sept. 1998.

Abstract

Consideration on the circulation of children in Brazil and their distribution

The main objective of this article is to estimate, based on the Brazilian Annual National Sample Household Surveys (*Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílios* – PNADs/IBGE) of 1996 to 1999, the proportion and numbers of children in circulation in Brazil. The PNAD from 1985 was also used because it contains variables such as the age at which the child began circulating and the reason he or she left home; this data is not available in the other PNADs. Despite the basically descriptive and exploratory character of this article, the results obtained provide information on the circulation of children, an area that has not been considered in depth in Brazilian demography.

Key words: Children. Circulation.

Recebido para publicação em 30/9/2003.

Aceito para publicação em 21/11/2003.

